



Cartas ao cão

A água para o café está a ponto de ferver

A água para o café está a ponto de ferver. Nela desliga o fogo e despeja o líquido semivaporoso sobre o pó no coador. O perfume amargo, que sobe com a névoa quente, espalha-se pela cozinha e inebria seus sentidos, como todas as manhãs. É um momento todo seu, apenas seu, até que a água acabe e deixe somente o pó molhado, marrom-escuro, areia na praia quando a maré baixa. Por um instante, sente vontade de amassar a borra com as costas da colher e extrair dali as últimas gotas, mas sabe que ela é como um estranho objeto sagrado, do qual se pode sorver apenas até certo ponto. O relógio goteja seu ponteiro de segundos com a mesma pressa de todas as manhãs. O tempo parece estar sempre fora de alcance. Parece ser sempre tarde demais.

Confortavelmente deitado no emaranhado de seu cobertor, que ocupa o lado sul da cozinha, Kojak reflete sobre o futuro: estender a soneca por mais alguns minutos ou caminhar até a vasilha de comida para averiguar a possível chegada de novidades? As pálpebras pesam preguiçosamente no rosto bonachão. Ele tem tanto apreço pelo cobertor azul-claro-manchado-de-cândida que agasalha seu corpo massudo, que decide não abandoná-lo de imediato. Continua a assistir ao seu mundo em preto e branco. Nola não precisa voltar-se para vê-lo, sabe que está ali. Pode sentir a sutilíssima movimentação do ar, a vibração morna que faz com que ela se sinta menos só, na cozinha, no mundo.

Cães e gatos não são um, são vários. Cães são afeição desmedida e gatos são alegria contida. Cúmplices fiéis, assistem a tudo sem emitir julgamentos de qualquer ordem ou valor. Tentam nos tocar com aquilo que lhes vêm diretamente do coração, mas estamos embrutecidos demais para conseguir entender as mensagens que emitem através de um singelo movimento de rabo ou de bigodes. Ao mirar fundo esses olhos úmidos, sabemos que eles veem tudo, testemunham tudo e se calam, não confidenciam essas indizências nem a você nem a ninguém, e você nunca poderá retribuí-los por isso.

Blood, sweat & tears (Sangue, suor e lágrimas) é o título de um microportfólio de Mark Ryden, artista plástico americano, composto por três ilustrações. Na primeira, uma garota está sentada num campo florido, sob as lágrimas de uma girafa que chora sem arrependimentos; na segunda, um grupo de crianças dança à volta de um gran-

de ser bizarro, de mãos decepadas, cujas gotas grossas de suor deslizam aflitivamente por suas têmporas; na terceira, um bicho azul parece lamentar-se de seu ferimento, de onde jorra um sangue fino que parece saciar a sede na boca de um cão. Ao pensar nas imagens que adornam seu escritório, ela se dá conta de que seu buldogue é o único ser no mundo com quem pode dividir as suas dores, a qualquer tempo, e, caso elas se tornem por demais pesadas, ele as suportará em seu lugar.

Tom entra na cozinha, trajado como de costume: calça de brim bege, camiseta polo amassada, de um lado a gola para cima, do outro, para baixo. Nos pés, apenas um pé de meia. Passa por detrás de Nola e lhe dá um beijo no ombro. Ela fecha os olhos e sorri suavemente, com os lábios em simetria, enquanto joga o coador usado no cestinho da pia. Até este momento, sua microvida vinha se desenrolando em *slow motion*, dentro de um invólucro particular, em que os menores movimentos e a percepção aguçada de cada giro do globo ocular continham uma descoberta. Ao chocar-se com o excesso cru da realidade imediata, que torna os azulejos tão frios e as superfícies tão lisas, é como se as sutilezas invisíveis que lhe dão vida, suaves sopros de abelhas em pétalas muito tenras, fossem esmagadas pela obstinada determinação do mundo concreto em impor, sempre, a sua verdade prática.

Na área de serviço, ele revira o cesto de roupas.

“Tom, você voltou a fumar.”

“Não, não voltei. Eu simplesmente nunca parei.”

“Eu preferia quando você fedia a ácido retinoico. Era mais asséptico.”

“Fica muito feio usar meias marrons com calça bege?”

Ela sabe qual será sua reação, conhece as velhas desculpas, gastas pelo tempo. Perguntar sempre a mesma coisa não chega a ser irritante, mas o medo da resposta conhecida lhe provoca uma sensação de náusea.

“Eu vou visitar a mamãe hoje. Você vem?”

“Porra, Nola, hoje? Eu peguei um trampo pra essa semana, não vai dar não.”

“Tudo bem, não precisa ir. Eu compro um pão doce na esquina e digo a ela que você mandou.”

“A velhinha tá firmona, né?”

“Tom, faz um ano que você não vê a mamãe!”

“E por acaso ela vai sumir de lá? Uma hora eu vou, relaxa, Nola. Esta aqui, eu sei que é sua meia de ir pra academia, mas posso usar, só hoje?”

